



# moda territórios existência

[ 50 ]

O GT Moda e Territórios de Existência: Processos de Criação e Subjetivação tem como proposta abordar a moda como um dispositivo atrelado à subjetividade, capaz de maquirar territórios estéticos e existenciais. Sua configuração desdobra-se em constantes diálogos com vários campos do saber, tais como as Artes Visuais, a Arquitetura, o Design, a Filosofia, a Literatura, a Psicanálise e a Performance, entre outros. Parece-nos que, para se expandir conceitualmente, a moda precisa chamar intercessores, intensificar sua capacidade de *outrar-se*, lançar-se em outros territórios, se não mais estranhos, ao menos, diríamos, mais vitais. Nesse sentido, nossa intenção é investigar e enfatizar processos de criação híbridos que redimensionem a própria conceituação da moda, expandindo linhas de compreensão e gerando possibilidades de produção de novos conhecimentos e abordagens.

Nesse contexto, reconhecemos na abordagem de Yorrana Maia um diagrama conceitual fértil e enriquecedor. Sua simpatia pela filosofia dos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari rende a ela o exercício de uma metodologia de trabalho cartográfica e delinea um modo bastante singular de apresentar aspectos do processo de criação do designer paraense André Lima. A autora identifica alguns dos procedimentos de Lima como modos "rizomáticos". Ao trazer à tona e realçar modos não lineares de operar processos de criação, nos dá a oportunidade de caminhar pelos meandros do pensamento do designer, afetado por imagens, músicas, livros, roupas, musas-mulheres, cantoras, criadores de moda e períodos históricos. Tudo isso configura um microcosmo sem hierarquias e sujeito a múltiplas conexões. Os cruzamentos que, ao olhar do criador podem parecer instintivos ou indeterminados, ganham, ao olhar da pesquisadora, formas de organização e edição que revelam escolhas e produzem "ilhas" referenciais, embora assentados numa ordem em permanente instabilidade.

O que nos parece instigante na abordagem de Yorrana é sua fineza e sensibilidade de escuta dos processos do designer – estes que culminam em formas, cores e tangibilidades que, por sua vez, serão remexidas e deslocadas, desembocando em arranjos vestíveis e outras possíveis materialidades. A lógica temporal com a qual André Lima opera também é sublinhada pela pesquisadora: nela, se embaralham presente-passado numa espécie de *vaivém* na qual inexistente uma concepção de tempo resoluto em avançar pela sua superação. É um tempo rizomático que está em jogo, um tempo que revolve camadas do passado e as atualiza no presente, recontando histórias, adulterando o real e fabulando outros enredos. Nesse e noutros sentidos, percebe-se que a autora aventura-se por caminhos ziguezagueantes para interrogar o processo de criação de André Lima.

Diante do fluxo de ideias, imagens e narrativas às quais se viu exposta, Yorrana Maia sentiu-se convocada a concentrar-se mais na "[...] construção das ideias e seus entrelaçamentos do que apenas nas coleções acabadas", nas palavras dela. Assim sendo, é com alegria que saudamos este artigo, pois uma inteligência sensível percorre estas páginas. Entendemos que o texto traz consigo um jeito singular de pesquisar processos de criação em Design de Moda, uma possibilidade de abordagem e um modo de produção que aspiramos sejam discutidos em nosso GT, por apontarem expansões conceituais.

[ YORRANA MAIA ]

Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (Universidade da Amazônia), pós-graduada em Moda e Criação (Faculdade Santa Marcelina, SP) e especialista em Moda como Factor Cultural (Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing, Lisboa). Atualmente, é docente do Bacharelado em Moda da Universidade da Amazônia.  
E-mail: yosouza@globo.com

# Processo de criação do designer de moda André Lima: cartografando imagens-ilhas

*The creation process of fashion designer André Lima: mapping islands-images*

[ 51 ]

**[resumo]** O interesse deste artigo é melhor compreender a multiplicidade que permeia variáveis de processos de criação em moda na contemporaneidade, por meio de uma cartografia composta por registros imagéticos particulares, guardados no ateliê, e por registros fotográficos compartilhados no Instagram do designer de moda paraense André Lima. O modelo de observação e estratégia de apresentação desta pesquisa parte do conceito de "cartografia", tal como apresentado pelos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em busca de redes de conexões entre as imagens, o modo como Deleuze apresenta o conceito de "ilha" referencia o "mapa aberto" das referências imagéticas editadas pelo designer.

[ palavras-chave ]

design de moda; André Lima; cartografia.

**[abstract]** The interest of this essay is to understand the multiplicity of variables that permeates creation processes in the contemporary fashion, through a map composed by imagistic private records, stored in the studio and through photographic records shared on the Instagram of the fashion designer André Lima from Pará. The observation model and presentation strategy of this research is based on the concept of "mapping" as presented by the French philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari. In search of connections between images, the way Deleuze introduces the concept of "island" references the "open map" of imagistic references edited by the designer.

**[keywords]** fashion design; André Lima; cartography.

O tempo da procura hoje é outro, obviamente que o filtro também é outro e chegou até ali, a web. Obviamente que o que está no mundo em que a gente vive, de tempo simultâneo, apresenta uma conexão com a pesquisa, com o olhar, porque eu trabalho com imagem, crio imagem, não faço só roupa. (LIMA, 2012)<sup>1</sup>

Para o designer paraense André Lima, não se cria desejo se não for através de desejo, já que olhar para o mundo e separar aquilo de que se gosta já é uma edição pessoal que parte do filtro do criador. Para ele o que interessa é juntar coisas, misturar referências, editar e sentir que ali existe um recorte. Ele conta que nunca achou que poderia fazer uma coleção que tivesse apenas uma referência. Portanto, os processos de criação são atravessados por questões subjetivas do seu criador que entrelaçam o seu mundo e as suas coleções, ou seja, sua "micropolítica".

Segundo Rolnik (2006), a micropolítica diz respeito às estratégias de formação dos desejos no campo social; são intensidades determinadas pelos agenciamentos que o corpo faz e, portanto, inseparáveis de suas relações com o mundo. Logo, não devemos considerar esse universo particular como algo inato do criador, pois suas narrativas e seus projetos se constroem sempre em relação com o outro, numa perspectiva social.

Entendemos, portanto, que a subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Ela está em circulação nos conjuntos sociais e é assumida por indivíduos em suas existências particulares. Desse modo, a produção da fala, das imagens, da sensibilidade, a produção do desejo não se cola numa representação do indivíduo, mas sim numa multiplicidade dos agenciamentos sociais (GUATTARI e ROLNIK, 1996).

Assim, o designer exterioriza aquilo que interiorizou a partir da subjetividade que o constitui, pois está sempre em negociação com o campo social, nunca isolado do mundo. O registro social e sua posição dentro do campo da moda influenciam a percepção dos objetos ao seu redor, bem como novas impressões vão modificando o seu modo de ver e estar no mundo, a sua prática e, por conseguinte, o produto resultante do processo de criação.

Este texto é um fragmento da dissertação *Cartografia de Si: territórios particulares e compartilhados do processo de criação do estilista André Lima*, que busca entender o processo de criação como uma construção de Si e de conexões de referências em fluxo e não lineares. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é cartografar os registros contínuos de criação particulares e compartilhados do designer André Lima. Interessamos entender o percurso, o meio, as construções de Si e a inserção de fragmentos do cotidiano particular e compartilhado nas coleções do criador.

As principais referências de pesquisa do estilista são imagens que, nesta pesquisa, foram conectadas sob forma de "ilhas": imagens impressas e coladas na parede espelhada na frente de sua mesa, imagens impressas guardadas em inúmeras pastas de referências no seu ateliê e imagens compartilhadas no Instagram.

## Ilhas em edição: estratégias cartográficas das imagens de referência de André Lima

*As ilhas continentais* são ilhas acidentais, ilhas derivadas: estão separadas de um continente, nasceram de uma desarticulação, de uma erosão, de uma fratura, sobrevivem pela absorção daquilo que as retinha. *As ilhas oceânicas* são ilhas originárias, essenciais: ora são constituídas de corais, apresentando-nos um verdadeiro organismo, ora surgem de erupções submarinas, trazendo ao ar livre um movimento vindo de baixo; algumas emergem lentamente, outras também desaparecem e retornam sem que haja tempo para anexá-las. (DELEUZE, 2005, p. 11)

Assim começamos nossa edição: articulando ilhas oceânicas que emergem e desaparecem e as ilhas continentais, que surgem de desarticulações. Entretanto, as ilhas também são espaços para derivas e, nesse sentido, houve aquelas imagens que se desgarraram, que se tornaram outros territórios, criados e recriados. Navegar, ora ocupando, ora separando, foi preciso. Na cartografia do processo de criação do designer André Lima, atravessamos suas territorialidades temporais e espaciais, bem como seus

"territórios existenciais"<sup>2</sup>, através da "escrita de Si"<sup>3</sup> em busca de entender a multiplicidade do processo "pelo meio".

André Lima nasceu em 1971, em Belém, no Pará, uma cidade que transita entre construções arquitetônicas urbanas e a força da natureza; entre o sagrado e o profano; entre o quase silêncio do rio e o(s) barulho(s) da sua gente, feiras, festas; entre o mundo do colonizado indígena e do colonizador português, entre outras nacionalidades que descobriram a cidade; entre credences populares e a ciência. Lima viveu em um casarão aberto, vivo e dominado por mulheres. Cresceu transitando pelo universo feminino e das roupas e teve uma importante parte de seu repertório formado entre os anos 1970 e 1980.

No começo dos anos 1990, André Lima mudou-se para São Paulo. Cidade grande. Linha de fuga de tantos pontos do Brasil. Microterritórios formados por pessoas em deslocamento. Fluida, rápida, híbrida, aglomerada. Seu deslocamento se dá entre essas duas cidades que, de maneiras diferentes, são elogios aos superlativos.

De seus deslocamentos e entrelaçamentos surgem as roupas que cobrem os corpos por ele vestidos. Em seu processo de criação, o designer recolhe fragmentos por entre os territórios e suas extensões artificiais, lugares nos quais atualiza suas impressões e as transforma em narrativas vestíveis. Ao longo do seu percurso sensível, o criador observa o mundo e recolhe aquilo que, por algum motivo, interessa-lhe ou causa-lhe estranheza.

No caso de Lima, o ateliê acaba sendo o lugar onde ele guarda um acervo particular de referências. Ali estão armazenadas suas caixas que contêm roupas compradas em brechós e de suas coleções passadas, além de inúmeras imagens que um dia estiveram na frente da sua mesa, coladas na parede de espelho e que, posteriormente, passam a ser guardadas nas suas pastas de referências. Essas pastas podem ser tomadas como fragmentos não lineares que narram o percurso criativo do estilista revelado por uma edição do designer. Nelas prevalecem imagens de moda que incluem peças que se tornaram clássicas no século XX, editoriais e roupas assinadas por estilistas.

Também na rede virtual, a criação em processo de André Lima assume a configuração de um remanejamento incessante de imagens. Ele é um criador que compartilha quase que diariamente suas impressões ao mesmo tempo que recebe outras tantas. Assim sendo, podemos entender que sua "escrita de Si" funciona entre acervos particulares, abrigados em seu ateliê, e arquivos compartilhados no Instagram<sup>4</sup>. Consideramos que suas criações são um tipo de "colagem diagramada" desses fragmentos.

Para Foucault (1992), fragmentos, citações, imagens são uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas, não apenas no sentido de trazê-las novamente à consciência, mas também no sentido de poder utilizá-los e reutilizá-los quando necessário. O autor concebe a "escrita de Si" como um movimento que visa captar o já dito, reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler da experiência sensível de quem escreve com o seu tempo. Consideramos o registro do processo de criação como uma "escrita de Si", mesmo que esta, no caso do criador de moda, raramente se dê pela palavra, mas mais intensamente pela imagem.

Desse modo, o espaço dos registros, sejam eles de qualquer natureza, reserva o tempo da experimentação e do amadurecimento das ideias, lugar do autor e da obra, pois ambos vão se constituindo simultaneamente. Foucault (1992) usa dois tipos de textos para discutir a "escrita de Si": o *hypomnemata* e a correspondência, memórias materiais das coisas lidas, ouvidas, acumuladas ou pensadas, que possibilitam a releitura e a mediação.

*Os hypomnemata não deveriam ser encarados como um simples auxiliar de memória, que poderiam consultar-se de vez em quando, se a ocasião se oferecesse. Não são destinados a substituir-se à recordação porventura desvanecida. Antes constituem um material e um enquadramento para exercícios a efetuar frequentemente: ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com outros. (FOUCAULT, 1992, p. 136)*

*Os hypomnemata são um tipo de caderno de notas e permitem uma espécie de "constituição de Si" a partir do recolhimento do discurso dos outros, de fragmentos que o criador assimila de acordo com a sua sensibilidade. Não é uma narrativa de si mesmo, como os diários íntimos, mas uma "[...] apropriação, unificação e subjetivação de um 'já dito' fragmentário e escolhido" (FOUCAULT, 1992, p. 160). Assim se organizam as imagens recolhidas por André Lima em seus itinerários.*

No caso da correspondência, texto por definição destinado a outrem, considera-se que esta dá também lugar a um exercício pessoal, pois, ao escrever, exercita-se a leitura e a elaboração daquilo que é dito. Foucault (1992) traz à tona uma discussão acerca da correspondência, que é bastante interessante como uma metáfora para entendermos uma "escrita de Si" compartilhada no Instagram. Em suas próprias palavras:

A carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe. [...] A carta faz o escritor "presente" àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física. (FOUCAULT, 1992, p. 145-149)

Assim, podemos considerar que, ao ver uma imagem e decidir captar e compartilhar no aplicativo Instagram, essa imagem atua tanto no criador – pelo recorte e edição – quanto no receptor-seguidor do seu perfil pelo ato da visualização da imagem. Dessa forma, o designer e seu universo particular mostram-se e se fazem presentes junto ao outro.

A partir dessas articulações, levamos em consideração que a escritura de André se dá pelas palavras, mas mais acentuadamente pelas imagens que constituem um registro constante e fluido. Notamos pela sua fala que seus registros imagéticos estão constantemente percorrendo sua história, seja no Instagram, seja nas imagens coladas na parede do seu ateliê. "Tem imagens que voltam depois [...] elas fazem sentido. Elas são a confirmação de um raciocínio, de uma intenção, de um desejo. Elas são necessárias" (LIMA, 2012).

A partir de seu depoimento, podemos visualizar um "jogo" de leitura e de edição de imagens. A assimilação e o movimento que ele promove entre imagens torna possível a criação de suas roupas e, de alguma maneira, a criação de si próprio.

Nesse sentido, nota-se que o ateliê guarda o tempo de uma pesquisa mais direcionada: as imagens impressas nas pastas de referências já estiveram um dia em fluxo pela parede do ateliê e sob o olhar de contemplação de Lima. É também um espaço em que o designer vai montando e remontando diariamente, a partir de novas disposições. Quanto ao seu Instagram, essa interface guarda marcas do seu cotidiano. Nele surgem fragmentos pessoais, os quais registram momentos e pessoas com quem possui vínculos afetivos, lugares por onde circula ou vestígios do próprio funcionamento da marca em provas de roupas, clientes, desfiles, construções de modelagem, além das próprias referências imagéticas que povoam o ateliê. De uma forma ou de outra, sua "escrita de Si" guarda o percurso de criação e seus "já ditos", ou seja, os fragmentos/referências como uma memória material das coisas percebidas e pensadas pelo criador, assim como as marcas pessoais e sua celebração móvel e compartilhada.

Ao pesquisar o processo de criação a partir dos registros que o criador guarda em seus acervos particular e compartilhado, movemo-nos entre fluxos de pistas que estão em movimentos constantes e, portanto, exigem outros tipos de mapeamento que se pautam mais pela construção de ideias e de seus entrelaçamentos do que pelos resultados das coleções.

Em seu *Abecedário*, Deleuze discute, na letra I, questões relacionadas à "ideia":<sup>5</sup> Para o autor, criar é ter uma ideia e as ideias são uma obsessão: elas vão e voltam, se afastam, tomam formas diversas. Ocorre que a ideia não nasce pronta e precisa: é necessário construí-la. Para o filósofo, o criador dá consistência a um conjunto de percepções e sensações que vão além daquele que percebe e sente.

É porque as ideias nos escapam e, principalmente, porque é preciso construí-las, que André Lima guarda os fragmentos que encontra. Observar e cartografar um conjunto de percepções e de sensações a partir de imagens coletadas pelo designer nos dá pistas para compreender suas construções de ideias. No seu jogo, por meio de múltiplas entradas, saídas e retornos, podemos perceber relações entre esses registros.

Vale dizer que, em nossa abordagem, não partimos em busca de uma origem, mas sim de conexões possíveis entre as imagens de modo a compor uma cartografia

em processo, a partir dos registros guardados e compartilhados do estilista. Rolnik colabora para esclarecer nossa estratégia de percurso:

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos. (ROLNIK, 2006, p. 23)

O conceito de cartografia é apresentado pelo filósofo Gilles Deleuze e pelo psicanalista Félix Guattari (1995) como um dos princípios do "rizoma". Segundo os autores, o rizoma é um tipo de raiz na qual é impossível detectar o começo ou o final. Um rizoma não começa nem se conclui, encontra-se sempre no meio. Portanto, qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. O que se produz são conexões por todos os lados, ligações que mudam de acordo com novos agenciamentos. Dessa forma, a cartografia pode ser compreendida como um mapa aberto que explicita composições e conexões entre campos e que privilegia múltiplas entradas e saídas. Assim, assumir a cartografia como direção metodológica exige que o cartógrafo "[...] esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias" (ROLNIK, 2006, p. 23).

Para Deleuze (2005), a ilha é o lugar do recomeço, da recriação. Em diálogo, Martín-Barbero (2004) concorda que a cartografia contemporânea assume a figura do arquipélago, pois desprovido de fronteira que o una, o continente se desagra em ilhas múltiplas e diversas que se interconectam. Nesse sentido, pensar em ilhas é indagar novas leituras de mundo, que interconecte a multiplicidade dos territórios e abarque nossa experiência espaço-temporal. Num jogo cartográfico de múltiplas entradas, saídas e retornos, podemos perceber relações entre registros.

Esses modos de compreensão colaboram para organizar as "ilhas" aqui propostas para a cartografia de referências de André Lima: Arquitetura. Construção da roupa. Desconstrução. Experimentação. Corpo >>> Roupas. Moda. Estilistas. Brechó. Estampas. Culturas outras >>>> Mulher. Tias, mãe, avó, irmãs, amigas. Travesti. Musas. Cantoras. Música. Novela. Entidades. Santos. Nossa Senhora de Nazaré. Essas foram algumas das primeiras ilhas que se formaram, conexões que desterritorializaram-se dezenas de vezes até o momento em que escrevemos uma configuração possível para o aqui-agora relatado neste artigo. Nesse sentido, vale mencionar que outras ilhas-conexões sempre poderão surgir, desaparecer, desterritorializar-se e reterritorializar-se em outras tantas.

Nossa intenção foi criar conexões através de fios condutores do processo de criação do designer. Assim sendo, uma rota possível está traçada pelas ilhas que se revelaram para a nossa navegação e que serão mapeadas a seguir.

### Ilha 1: lugar de experimentação

O indicador dessa cartografia é a relação entre o ateliê e o corpo, ambos espaços de experimentação do designer André Lima. Esse mapeamento dá-se a partir de uma visão macroscópica e, posteriormente, de uma visão micro: imagens gerais do ateliê, detalhes desse ambiente em *zoom*, imagens de corpo inteiro e referências de pormenores da construção da roupa.

Ateliê desocupado. Imagens com sensação de vazio. Muitos registros fotográficos localizam esse lugar de construção da marca. O designer compartilha partes de seu ateliê, como quem, num andar vertiginoso, fosse capturando partes de um dia a dia. Essas imagens parecem pausas de um fazer acelerado que é a moda, a prática em seu lugar de trabalho. Surgem como em um *zoom* distanciado.

Em seguida, detalhes de objetos do ateliê também são fotografados. A observação através do Instagram revela partes de algum lugar, como livros, computador,

enfeites de mesa, papéis. Ao adentrar fisicamente nesse espaço vamos, aos poucos, reconhecendo objetos que pertencem ao cotidiano do ateliê. As novas imagens, agora fotografadas de perto, com um *zoom* de aproximação revelam a presença do criador, além de seu olhar, voltado para o próprio espaço arquitetônico.

Também em seu ateliê, a coleção ganha vida no fazer diário. Ali as ideias não esperam fazer pleno sentido para que a construção se inicie. Se o universo de referências de pesquisa é não linear, *sampleado*, *simultâneo*, a construção no corpo ganha proporções e exercícios calculados. O corpo é o suporte, e a roupa só tem sentido se fizer com que esse corpo fique belo. Tecidos e equipe modelam as curvas do corpo feminino, para descobrir os melhores caminhos para acomodar os recortes, os volumes e as formas.

Esses caminhos são suas construções e desconstruções na espacialidade entre ateliê e corpo. André Lima exercita proporções, volumes, formas, estampas, drapeados, dobraduras, prensados. Por meio do corpo vestido, o designer experimenta formas arquitetônicas e geométricas que se aliam às forças que vêm da natureza. São desconstruções de roupas e de modas complementadas por uma colorimetria de estampas que se situa entre o construído e o fluido. Esses conjuntos de ações constituem as vizinhanças que habitam esse lugar.



Figura 1: Ilha 1 – lugar de experimentação.  
Fonte: Yorrana Maia.

## Ilha 2: um só desejo não basta

Nessa cartografia, tomamos como indicador a simultaneidade entre tempos e espaços. André Lima vai *sampleando*, recortando pedaços e montando novos arranjos. Uma lógica de pensamento muito familiar para uma pessoa que vem de Belém, cidade em que o *tecnobrega*<sup>6</sup> circula nas rádios, nos postes, pelo comércio, nas aparelhagens pelas ruas. Esse ritmo é híbrido e fortemente marcado na contemporaneidade pelas tecnologias de ponta. O *tecnobrega* *sampleia* trechos de músicas diversas em batida ritmada, forte, exagerada, dançante e eletrônica.

Os sentidos das roupas criadas por André Lima se fazem no todo, na composição *sampleada*, no conjunto. Seu acervo é composto de extremos, um mix entre clássicos da moda e etnias exuberantes, culturas de diferentes partes do mundo. Seu recorte se dá pela observação de algum detalhe que lhe chama a atenção. Pode ser a atitude de uma modelo, uma construção da roupa, um tipo de acabamento, um conjunto de cores interessantes. Esses detalhes são continuamente registrados como fragmentos de seu olhar criador.

Os deslocamentos virtuais possíveis na contemporaneidade permitem que posamos atravessar territórios sem ao menos pisar em terras estrangeiras. É assim que André Lima ocupa diferentes territórios étnicos simultaneamente. Um só lugar não

basta. O designer realça combinações e recombinações, provavelmente, por ser fruto de deslocamentos entre cidades superlativas e miscigenadas. Dessa forma, outras culturas estão constantemente dialogando com a sua brasilidade. As referências mais recorrentes vêm das culturas indígena, cigana, africana, indiana, japonesa, chinesa e inglesa, dentre outras, presentes em lugares para onde Lima viaja física e virtualmente.

Simultâneas também são as diferentes temporalidades. Para André Lima, o importante é misturá-las. Seu processo não envolve simplesmente um deslocamento temporal de volta para o passado. Seu ano de 2013 pode ser apresentado como 2013-1980, já que sua cronologia é híbrida e traz referências do passado. Seu modo de ser contemporâneo implica entender o presente, se desentender com ele e olhar para o futuro, a partir daquilo que já foi dito no passado. Alguns produtos considerados clássicos do século XX compõem o seu recorte de pesquisa, principalmente aqueles oriundos dos anos 1970 e 1980, período no qual grande parte de seu repertório visual foi formado. Nos anos 1970, nota-se sua admiração pela liberdade das formas, pelas estampas psicodélicas, pela fluidez dos tecidos, pelo Tropicalismo e pela valorização do nacional. Já nos anos 1980, Lima admira a atitude do *rock and roll*, o glamour do *glam rock* e de David Bowie<sup>7</sup>, bem como as misturas entre os gêneros feminino e masculino. Esses são alguns exemplos que nos fazem visualizar os modos como o designer reabilita fragmentos do passado e os traduz em atualizações estéticas.

[ 57 ]



Figura 2: Ilha 2 – um só desejo não basta.  
Fonte: Yorrana Maia.

### Ilha 3: uma palavra chamada afeto

O título de nossa terceira ilha é a frase que a mãe de André Lima escreve atrás de uma fotografia que enviou ao filho, com o propósito de que ele possa olhar a imagem quando precisar de referências e sentir o poder da natureza. Curiosamente, a fotografia retrata uma imagem dela em sua casa. Nesse contexto, é possível compreender que o poder do afeto pode vir da natureza exuberante da Amazônia, mas vem, principalmente, das relações afetivas que se constituem em sua cidade natal. Dessa forma, os indicadores dessa ilha são vínculos afetivos e sensibilidades femininas. Entre desejos de elegância misturados com um pouco de "loucura" – entendida como liberdade de expressão e ousadia – André Lima vai constituindo suas personagens, ora da vida real, ora da ficção. O designer costurou, vestiu, maquiou as amigas e ainda desenhou para a transformista paraense Marleni Dietrich.

Algumas mulheres que marcaram sua vida podem ser vistas como personagens, como musas, como pessoas capazes de motivar seu processo de criação. Ao escutar o disco *Gal Tropical*,<sup>8</sup> Lima relata que achou a cantora "solar". A partir de então, passou a recortar e colecionar fotografias de Gal Costa, em um álbum que criou sobre a cantora.

Dentre muitas mulheres admiradas, a cantora baiana Maria Bethânia<sup>9</sup> foi quem transitou por sua vida de uma maneira mais densa. Sua relação mística com as coisas e com a natureza, bem como seu aspecto meio "selvagem", fortaleceram uma relação afetiva entre ambos.

É interessante notar que, além das significativas mulheres mencionadas, outras tantas, tais como alguns seres encantados e místicos também dão corpo às imagens do criador: sereias, índias e a orixá lemanjá podem revelar sua relação com as águas e a natureza. Nessa seara, emergem fortes referências visuais da cidade de Belém, pois trata-se de uma cidade fortemente ligada ao sincretismo religioso que, muitas vezes, conjuga Nossa Senhora de Nazaré, festejos para lemanjá e pajelanças com ervas que curam os males do corpo e da alma<sup>10</sup> em um mesmo espaço. Nesse campo é possível reconhecer a força de criação que reside entre a elegância e o imaginário encantado da natureza.

O estilista também batiza alguns de seus vestidos com nomes de mulheres. É como se aqueles produtos vazios ganhassem um corpo e também se tornassem personagens. A própria construção da roupa permite volumes que carregam a aparência de um corpo presente, vestidos-personagens de narrativas de pessoas que, possivelmente, vão desejar tais vestidos.

Ainda no registro do feminino, além da trama constituída por diversas personalidades que podem dar corpo aos vestidos-personagens, no Instagram de André Lima podemos perceber sua relação com a TV e com os papéis vividos na ficção por atrizes de novelas, de cinema ou por heroínas de desenhos animados.

Ademais, o próprio campo de moda compõe o universo de suas referências. André Lima aprendeu a fazer moda fazendo. Desde muito cedo, sua curiosidade aguçada pelas revistas de moda levaram-no para mundos de grandes estilistas que formaram seu repertório visual. O que eles têm em comum? Eles são ícones de elegância, ousadia e feminilidade do século XX. Alguns deles: Yves Saint Laurent, Vivienne Westwood, Pierre Balmain, Pierre Cardin, Paco Rabane, Giorgio Armani, Thierry Mugler, Gianfranco Ferré, Emanuel Ungaro, Issey Miyake, Alexander McQueen<sup>11</sup>. Esses estilistas fazem parte do seu vocabulário.

André Lima busca seduzir as mulheres que veste. É como se ele conseguisse pensar a partir de sua masculinidade aquilo que é bonito em uma mulher e conseguisse unir com os próprios desejos da mulher: uma conversa entre um homem e muitas mulheres. O resultado é como cada uma delas deve se mostrar.

Navegando rumo a um destino possível



Figura 3: Ilha 3 – uma palavra chamada afeto.  
 Fonte: Yorrana Maia.

No processo de criação do designer de moda André Lima, a construção do seu pensamento no ato de criar parte de um percurso visual pautado pela edição afetiva. Essa edição não busca linearidade, mas sim explicita a simultaneidade de vários fragmentos, que através do seu olhar de editor-criador se desdobram na criação de roupas.

Assim, compreendemos que o designer articula suas impressões, seus registros e seus pensamentos produzindo coleções que traduzem atributos pautados pela harmonização de um certo excesso de informações, formas, texturas e cores que resultam em uma estética singular.

Consideramos que André Lima é um criador que transita por territórios sampleados, dramáticos, místicos, selvagens, sofisticados, femininos, por vezes andróginos. Suas criações são marcadas por delirantes encontros nos quais a qualidade das misturas pode contrapor-se à máxima minimalista em que o "menos é mais" e delineiam territórios que assumem o axioma o "mais é mais". O estilista declara que seu trabalho tem a força da natureza, dos santos, das entidades e a força maior, proveniente do universo feminino com o qual conviveu desde a infância. Suas construções vestíveis são também construções sensíveis que cobrem o corpo, mas que permitem antever um fluxo estético entre aquele que cria e aquela(e) que veste.

## NOTAS

[1] Entrevista realizada com o estilista André Lima, nos dias 23 e 24 de julho de 2012, no seu ateliê, em São Paulo. Todas as falas do estilista, que datam desse ano, doravante, fazem parte dessa conversa cedida para a pesquisa de mestrado da autora defendida em maio de 2013.

[2] Em *Mil platôs* (v. 4), Deleuze e Guattari argumentam que o território é, ele próprio, lugar de passagem. Está sempre em vias de desterritorialização, em vias de passar a outros agenciamentos mesmo que o outro agenciamento opere em uma via de reterritorialização. O território é feito de fragmentos descodificados de todo tipo, extraídos dos meios, ele excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos. Assim, Guattari (1992) propõe uma definição para subjetividade a partir do conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, numa multiplicidade que se desenvolve em conjunção do indivíduo e do coletivo.

[3] O conceito "escrita de Si", sob a perspectiva de Foucault (1992) será abordado adiante.

[4] Segundo Manovich (2005), as mídias sociais ocupam-se de objetos e paradigmas culturais capacitados por todas as formas de computação, inclusive as tecnologias de comunicação em rede. O Instagram é um tipo de mídia social. É um aplicativo móvel gratuito que permite aos usuários tirar uma foto, aplicar um filtro e depois compartilhá-la em uma variedade de redes sociais, incluindo o próprio Instagram. Projetado inicialmente para o uso em dispositivos móveis Apple iOS, que operam em telefones móveis iPhone, posteriormente também foi desenvolvido para os aparelhos com a tecnologia Android. A empresa foi criada em 2010, por Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger.

[5] O *Abecedário de Gilles Deleuze*, uma realização de Pierre-André Boutang, reúne uma série de entrevistas feitas por Claire Parnet e filmadas entre os anos 1988 e 1989, em que o filósofo aborda diversos temas. Na letra I, o assunto é ideia. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=U5Cml-8DhoE>>. Acesso em: 1 abr. 2013.

[6] O tecnobrega é um gênero musical paraense que sampleia o tradicional gênero musical brega com batidas eletrônicas. Esse estilo se desenvolveu independente das grandes gravadoras, pois articula estratégias de produção e circulação pautadas na reprodução acessível dos produtos gerados por essa indústria.

[7] O *glam rock*, surgido nos anos 1970, em resposta à estética mais pobre dos hippies, tem como uma das suas principais expressões o cantor inglês, nascido em 1947, David Bowie. Elementos futuristas, maquiagem exagerada, visuais andróginos e um desejo intenso de liberdade de expressão são algumas das características do movimento (SABINO, 2007).

[8] *Gal Tropical*, lançado em 1979, é o décimo terceiro álbum da cantora Gal Costa.

[9] Nascida em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, em 1946, é uma das cantoras mais importantes da MPB.

[10] As ervaíras da feira do Ver-o-Peso produzem banhos, sabonetes, perfumes, dentre outros produtos, com a mistura de ervas amazônicas. Em Belém, os banhos de ervas são tradição da cidade.

[11] Grandes criadores que marcam a história da moda, especialmente a partir da segunda metade do século XX.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. v. 4.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LIMA, A. Entrevista concedida a Yorrana Maia. São Paulo, 23-24 jul. 2012.

MANOVICH, L. *Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições*. In: LEÃO, L. (Org.). *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as mídias sociais*. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.

MARTÍN-BARBERO, J. *Ofício do cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina: UFRGS, 2006.

SABINO, M. *Dicionário da moda*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SOUZA, Y. P. M. *Cartografia de Si: territórios particulares e compartilhados do processo de criação do estilista André Lima*. Belém, 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia.